

Sonhos, memórias e delírios: um reencontro de Freud com a biologia

Sidarta Ribeiro

Um dos principais eixos da vasta contribuição de Sigmund Freud é o estudo dos sonhos. Para Freud a narrativa onírica é marcada por elementos da vigília (*restos diurnos*) com sentidos ocultos ligados à experiência subjetiva do sonhador e à satisfação de seus desejos íntimos. Freud observou também que os sonhos se assemelham ao delírio psicótico, postulando a intrusão onírica como origem da alucinação patológica. Polêmicas na Europa, as idéias de Freud chegaram a impactar a medicina norte-americana, interessada no método psicanalítico e na relação entre sonho e delírio psicótico. Mas a partir dos anos 1950, com o advento das drogas antipsicóticas e a descoberta de que os sonhos ocorrem durante um estado neurofisiológico específico (sono REM), houve uma progressiva rejeição da teoria freudiana na biologia. A despeito desta separação profunda, a investigação neurocientífica dos últimos quinze anos gerou resultados que atualizam as contribuições de Freud. Na psicologia acumulam-se as evidências de que o sono facilita o fortalecimento e a reestruturação das memórias. Experimentos neurobiológicos em humanos, macacos, roedores e aves demonstram a existência de restos diurnos durante o sono, tanto a nível da reverberação da atividade neuronal quanto da expressão de genes relacionados com a formação de novas memórias. A investigação de camundongos geneticamente modificados com altos níveis de dopamina, um modelo animal de psicose, revela fusão entre vigília e sono REM. Pacientes com lesões de vias dopaminérgicas relacionadas com a obtenção de recompensas perdem a capacidade de sonhar embora mantenham o sono REM. Os sonhos de crianças oriundas de regiões conflagradas (Palestina, Curdistão) têm grande prevalência de pesadelos que parecem alertar para as ameaças do ambiente. Considerados em conjunto, os resultados indicam que o sono e os sonhos facilitam o aprendizado em vários níveis, simulando a satisfação dos desejos e a proteção contra a dor através da ativação de circuitos dopaminérgicos que sinalizam recompensas. Formados por seqüências hiperassociativas de memórias fragmentadas, os sonhos concatenariam lembranças e expectativas de forma a gerar soluções para os desafios cognitivos enfrentados pelo sonhador. Nesse sentido, os sonhos seriam oráculos probabilísticos capazes de criar possíveis cenários futuros com base apenas na experiência do passado. A desregulação do sonho, através do excesso de dopamina por exemplo, levaria a uma mescla da simulação onírica com a percepção da realidade durante a vigília, configurando a alucinação patológica. Após décadas de ostracismo, Freud foi mencionado algumas vezes durante o Congresso Europeu de Neurociências de 2006. Coisa impensável até recentemente, os 150 anos de nascimento do mestre de Viena anunciam seu reencontro emocionante com a biologia.